

Fundação Getúlio Vargas

UM dos mais prementes problemas com que se defronta a indústria moderna é constituído pela rápida obsolescência dos instrumentos e utensílios de trabalho, especialmente das máquinas. Tamanho o progresso verificado nos últimos 150 anos — acelerado, pela primeira vez, com a primeira guerra mundial, pela segunda, com a grande crise econômica de 1929, e pela terceira, com a presente guerra — tão rápido o andamento da obsolescência não só dos instrumentos e máquinas, mas também dos processos industriais, que não raro instalações inteiras, em perfeito estado de conservação e utilização, e até mesmo novas, têm que ser substituídas por outras mais eficientes.

Em certos setores da indústria moderna, notadamente na indústria de guerra, já tem acontecido que produtos maquinofaturados passam diretamente do estágio do desenho para o da obsolescência. Ainda há pouco um comentarista americano — é dizer, um comentarista especializado — realçava êsse fato, informando que vários tipos de aviões de bombardeio e de caça, projetados para as forças aéreas aliadas, haviam envelhecido na fase dos desenhos, pelo que nunca chegaram a ser construídos.

As condições do mundo moderno cambiam tão rapidamente, e de tal forma estão penetradas da idéia da especialização, que não só as máquinas e os mecanismos inertes se arcaízam com velocidade igual: também os homens, as idéias, as profissões, as técnicas, as teorias, os princípios e, conseqüentemente, os conhecimentos e a experiência estão sujeitos à rasoura da obsolescência.

E êste é o drama da Nova Administração Pública: exige o concurso de competências "up to date", adquiridas em instituições igualmente em dia com as revolucionárias mudanças culturais; no entanto, esbarra a cada passo com as teorias arcaicas e as noções obsoletas e os princípios senis que permanecem como que em conserva, mas permanecem — operantes e teimosos — nas mentes de muitos funcionários e dirigentes.

A administração particular, por sua vez, embora disponha de meios bastante flexíveis não só para atrair as capacidades emergentes das novas gerações, como também para afastar os incompetentes, sofre igualmente as conseqüências da falta de preparo de seus empregados. A falta de idoneidade técnica ou profissional de muitos dos empregados das empresas particulares naturalmente influi na conta de Lucros e Perdas, o que nem sempre é percebido, porque os sócios e dirigentes às vezes carecem, êles próprios, de preparo suficiente para exercer juízo crítico sobre os efeitos negativos da incompetência.

A segunda guerra mundial veio acelerar a emancipação econômica do Brasil. O observador sensível registra nitidamente o progresso que se está rapidamente verificando no campo industrial brasileiro, em conseqüência das modificações introduzidas nas trocas internacionais pelo conflito armado. Progresso industrial significa sobretudo melhoria de qualidade — melhoria na seleção da matéria prima, melhoria no acabamento do produto, na sua apresentação, no seu acondicionamento, na sua capacidade de satisfazer os fins a que se destina, na sua durabilidade e eficiência de uso ou consumo.

Ora, à medida que a indústria de um país se qualifica, surgem necessidades de novos tipos de competências — pesquisadores, cientistas puros, homens de gabinete e de laboratório, que saibam aplicar fórmulas complicadas e conheçam os métodos de elaboração científica. Longe de se contentar com as luzes dos contra-mestres semi-letrados e dos práticos incultos, a indústria moderna qualificada exige, tanto nos cargos de direção como nas funções técnicas, nos escritórios e nas fábricas, profissionais especializados, indivíduos formais e completamente treinados para o exercício consciente de suas atividades. Quando a indústria atinge a maioridade, o de que ela mais necessita é de organizadores, planejadores, administradores, supervisores treinados em nível universitário.

Não é preciso dispor da aguda sensibilidade intelectual de um filósofo para que o observador perceba que, em face das atuais condições brasileiras, a administração pública — federal, estadual e municipal — e a administração particular das empresas industriais e comerciais constituem um mercado faminto de competências e de especializações. Cada novo químico industrial, cada electricista, cada engenheiro, cada contador, cada técnico de administração que se forma hoje no Brasil, ou que se formar nos próximos vinte anos, encontrará imediatamente colocação vantajosa e oportunidade para ampliar, com a experiência prática, a sua bagagem de conhecimentos teóricos. A administração pública, especialmente, vê-se a braços, neste país, com o problema instantâneo de formar funcionários intelectualmente idôneos para estudar, esclarecer e resolver as questões atordoantes de complexidade que a assediam por todos os lados.

E que o presente sistema educacional brasileiro não corresponde às exigências já inadiáveis dos nossos serviços públicos, da nossa indústria, do nosso comércio e até do próprio ensino profissional, eis outra realidade desencorajadora, que não escapa nem ao observador menos atento.

Como estão em jogo interesses legítimos do povo brasileiro, um de cujos problemas é elevar grandemente o nível de eficiência da administração pública — para não falar nos interesses respeitáveis das classes industriais, que tanto concorrem para o progresso do país — urge que algo seja feito para o fim de eliminar, no menor período de tempo possível, o fôssco cultural que existe entre as necessidades práticas das nossas instituições e a formação deficiente, defeituosa e obsoleta dos nossos profissionais. Trata-se de um problema nacional, que nem por ter sido mais ou menos negligenciado até os nossos dias, deixa de causar apreensões e cuidados patrióticos aos que sobre ele meditam.

Por tudo quanto ficou dito, a Fundação Getúlio Vargas, que deverá surgir dos esforços de alguns pioneiros e viver dos recursos doados pelos governos e empresas particulares, está fadada a desempenhar, no Brasil, uma função reparadora e revigoradora, preparando homens, administradores, financistas, economistas, técnicos, especialistas para o exercício satisfatório dos mil e um encargos novos que se abrem dia a dia nos serviços públicos e nas empresas privadas.

Conforme declarou à imprensa paulista o Sr. Luiz Simões Lopes, a Fundação Getúlio Vargas resolverá, para o Brasil, o problema de formar os técnicos de que tanto necessitam os nossos serviços públicos, a indústria e o comércio. O entusiasmo com que a terra bandeirante acolheu a iniciativa do presidente do D.A.S.P., traduzido no apoio imediato e decidido do governo e dos industriais paulistas, constitui um vigoroso estímulo à ação de seu idealizador e de seus organizadores, a par de um exemplo que, certamente, frutificará em todos os Estados do Brasil.